



Blumenau em cadernos

Eventos em destaque na Fundação Casa Dr. Blumenau em 1982

- 22 de março — Centenário de nascimento de Edith Gaertner - 1882-1982
- 07 de abril — Dez anos de Instituição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" - Lei 1835, de 7/4/72.
- 1º de julho — Cinco anos de atividades da Biblioteca Ambulante pioneira em Santa Catarina.
- 30 de agosto — Trinta anos de atividades da Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller - Lei 354 de 30/08/1952.
- Novembro - Jubileu de 25 anos da revista cultural "Blumenau em Cadernos" - 1957-1982.

TOMO XXIII - Nº 6

JUNHO 1982

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIII

Junho de 1982

Nº 6

SUMÁRIO

Página

A ESTRADA PARA A SERRA	162
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA	164
CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XIV	165
ATA TRADUZIDA DO 1º LIVRO	166
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	169
NA ALEMANHA, O PRESIDENTE CARSTENS CONDECOROU ..	178
A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM	181
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	183
ACONTECEU	184
REDEÇÃO	186
O "KOLONIE-ZEITUNG"	190

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 500,00

Número avulso Cr\$ 50,00 -- Atrasado Cr\$ 80,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 500,00 mais o porte Cr\$ 500,00 total Cr\$ 1.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — "Blumenau em Cadernos" completa, em novembro deste ano, 25 anos de circulação, cuja primeira edição ocorreu em novembro de 1957. Eis porque estamparemos na capa desta revista, durante todo o ano, a foto do seu fundador, **Prof. José Ferreira da Silva**, numa homenagem ao saudoso historiador. (O clichê foi confeccionado e gentilmente oferecido pela CLJCHERIA BLUMENAU LTDA.

A estrada para a Serra

José Ferreira da Silva

Blumenau comemorou em maio de 1963, o centenário de um acontecimento que foi extraordinário significado para o desenvolvimento do núcleo colonial em que o município teve origem. Vimos quanto os colonos fundadores da nossa cidade ansiavam desde a instalação do povoado às margens do "Garcia", pela ligação entre a Colônia nascente e a Vila de Lages e os campos de Curitibaanos, de onde poderiam vir muitos dos gêneros necessários à sua subsistência e ao progresso do seu empreendimento. Em 1856, veio juntar-se ao ainda pequeno grupo de pioneiros, um homem que teria uma influência decisiva na concretização desse sonho e no mais rápido progresso da Colônia. Foi o engenheiro Emilio Odebrecht. Orientado e inspirado por ele, o Dr. Blumenau não cessou mais de suplicar ao governo da Província que o auxiliasse com os necessários fundos para que fosse estudado e explorado o traçado de um caminho que, de Blumenau fosse ter aos povoados de Serra acima. Nesse sentido dirigiu-lhe vários memoriais. Afinal, resolveu-se a organização de uma expedição que faria esse reconhecimento mas, ao invés de partir de Blumenau rumo a Lages, o faria no sentido inverso, isto é, de Lages para Blumenau.

Feitos os indispensáveis preparativos, a 8 de maio de 1867, a expedição composta de 7 pessoas e 3 bestas de carga iniciou a marcha com destino à Serra, via litoral e o caminho então conhecido e frequentado, entre a capital da Província e a Vila de Lages. O fato está registrado no diário da Colônia com esta simples anotação: "4º feira, 8 de maio saída da expedição para a Serra; partida de 7 pessoas com 3 mulas, desta povoação. Tempo claro e ventoso, dia 9, quinta-feira. Partida do Engenheiro Odebrecht para a Serra".

Enquanto essa expedição iniciaria a exploração a começar de Lages, um outro grupo de colonos subiria o Itajaí-Açu de canoa, carregada de mantimentos e munição até onde conseguisse chegar e, aí, aguardar o encontro com a turma chefiada por Odebrecht, que por esse tempo estaria marchando pela margem daquele rio, em direção à Colônia.

A partida dessa segunda expedição também está registrada nos anais da Colônia, com a seguinte nota: "3º feira, 18 de junho de 1867. Manhã clara e serena. Tempo bom e vento do sul. A 2ª expedição que vai ao encontro da primeira, com canoas, partiu para ir até onde o Itajaí separa-se em braços do Norte e Sul".

Como se nota, essa segunda expedição deveria seguir até a confluência do Rio Hercílio (então Braço do Norte) em cujas imedia-

ções acreditava-se que desaguaria, também o Braço do Sul. Por esse tempo o Dr. Blumenau, encontrava-se na Alemanha e tinha pouco antes, se casado com Berta Repsold, filha de um fabricante de aparelhos de astronomia em Hamburgo.

Estava na direção interina da Colônia, o guarda-livros Hermann Wendeburg, pessoa que gosava de absoluta confiança do fundador.

É preciso que se note que anteriormente, em 1863, de 14 de janeiro a 21 de fevereiro, o engenheiro Odebrecht havia feito uma tentativa de exploração do caminho para a Serra, tentativa que no ano seguinte, 1864, ele renovou juntamente com o engenheiro Henrique Krepelin. Essas duas tentativas não tiveram grandes resultados práticos além de excitar, ainda mais a curiosidade a respeito da região do planalto e o desejo de explorá-la convenientemente.

Mas o fato é que a expedição de 1867, foi realmente início do intercâmbio entre a Serra e a Colônia Blumenau.

Essa expedição foi cheia de tropeços e dificuldades e o seu sucesso final não veio nada fácil. Marchando com os seus homens, de Lagos para baixo, atravessando sem maiores percalcos a região dos campos e pinheirais, Odebrecht foi despontar transtornos de toda sorte quando encontrou as florestas que se estendiam ao longo dos grandes formadores e afluentes do Itajai-Açu. O terreno cada vez mais acidentado, e a mata sempre mais espessa e ericada de perigos e de dificuldades, criando continuamente novos problemas que só a custa de força de vontade e heróica decisão eram resolvidos. Faltou munição de boca, e, o que foi talvez ainda pior, também para as armas de fogo, impedindo assim, que os homens suprissem a falta de gêneros alimentícios pela caça, que era abundante mas praticamente inatingível sem os meios de apanhá-la.

Por sua vez, a segunda expedição, também com muito custo conseguiria chegar até Subida. Ali, não se sabia por onde prosseguir. E mesmo as grandes corredeiras e os ingremes desfiladeiros da Serra do Mar eram intransponíveis com os poucos meios e braços de que se dispunham.

Naquele ponto, a expedição aguardou alguns dias a chegada de Odebrecht e da sua gente. Passou-se o dia apazado para o encontro. Passaram-se outros e nada. Resolveu-se assim, a expedição deixar em lugar bem visível, à margem do rio, os mantimentos que levava e regressar à sede da Colônia, onde chegou no dia 27 de julho, um sábado nublado e triste. Quatro dias depois a 31, Guilherme Friedenreich seguia com algumas carroças, até onde as condições da entrada, pela margem do rio permitissem. Encontrou Odebrecht e sua gente que voltavam doentes e cansados, mas vitoriosos. Haviam realizado a grande e heróica façanha.

A História de Blumenau revela:

O custo da mão de obra na Colônia em 1863 — O Presidente da
Província determina a redução de vinte réis por dia e o Dr Blumenau
contesta com extensa justificativa. (Extraído da cópia de carta origi-
nal existente nos arquivos da Baixa Saxônia)

“Ilmo. e Exmo. Snr.

Tenho a honra de acusar o aviso circular de V^a Ex^o de 18 do mês próximo passado, que recebi no sábado, 4 do corrente, afixando imediatamente cartazes para informar os colonos da redução do usual jornal de 1\$200 diários até agora pagos pela Direção aos regulares trabalhadores, à Rs: 1\$000 como V^a Ex^a o ordena.

Não posso, porém, de, respeitosamente fazer a observação de que já anteriormente paguei aos mediocres e inferiores trabalhadores somente 1\$000 e que com a presente redução os bons trabalhadores desta Colônia proporcionalmente são muito pior aquinhoados do que os de Santa Isabel e Teresópolis, visto que pela dificuldade dos transportes circunstâncias todas as necessidades da vida aqui são de 25 a 30 por cento mais caras do que ali.

Segundo anteriores ordens, tenho dado em empreitada quantos trabalhos assim vantajosamente podia executar e continuo neste sistema, como evidenciam minhas contas. Existindo, porém, obras e trabalhos de que por muito incertos e duvidosos assim ninguém ou só a exorbitante preço se quer encarregar e que assim evidentemente se tornam mais dispendiosos, resta-me só a execução por administração e pessoa lisongear-me de que, ainda desta maneira e com os jornais até agora pagos, mas com ativa fiscalização, meus trabalhos em geral não se tornaram improporcionalmente caros.

Para a maior parte destes trabalhos não posso, contudo, empregar quaisquer trabalhadores, mas careço os escolhidos e experimentados na especialidade, como particularmente hábeis e vigorosos. ou do contrário o trabalho se torna excessivamente caro e será mal feito. Estes trabalhadores, porém, não se prestam por 1\$000 diários tão pouco como os homens idôneos para trabalhadores-móres ou chefes de turmas, os carpinteiros, pedreiros, etc. Julgo pois não errar, quando entendo que V^a Ex^o não me quer encadear à ordem supra de maneira tal, que em tais casos excepcionais não me reste um razoável arbitrio para pagar também como Diretor os salários que pago como particular e comigo todos os mais habitantes desta Colônia porque, de outra maneira, em lugar de economia, havia de resultar prejuízo e desperdício, e obra mal feita e de pouca duração.

Quanto à execução das ordens mencionadas na segunda parte do dito aviso, circular de V^a Ex^a — todas as minhas contas trimensais apresentam fielmente as diárias pagas aos emigrados, achando-se a especificação com os competentes recibos nos documentos comprobatórios, de que na estação superior a quota de cada um colono deverá ser extraída para ficar em dia com a escrituração. Pelo menos não sei como de outra maneira tenha de proceder, para evitar equívocos e erros na escrituração. Contudo, hei de juntar ao meu próximo balanço, no fim do ano financeiro, ainda vez uma conta geral das diárias, passagens e mais adiantamentos de que os colonos ficam devedores. Os casos em que eu tenha fornecido diárias ou adiantamentos além de seis meses, são muito raros e excepcionais e exclusivamente motivados por prolongadas enfermidades, que realmente como um flagelo perseguiram a algumas infelizes famílias, ou por falecimento do pai da família; além de um ano não recebeu família alguma tais adiantamentos, exceto a época da última grande enchente em que os dei a 22 famílias mais prejudicadas, na importância total de Rs: 202\$300.

Deus Guarde á V^o Ex^a — Colônia Blumenau, em 15 de abril de 1863.

Ilmo. e Exmo. Snr. Pedro Leitão da Cunha, Dm^o Presidente da Província.

O Diretor — Dr. H.B.O. Blumenau”.

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XIV

O roubo dos 40 contos de réis

S.C. Wahle

No assim chamado Heringsheim — solar dos Hering, na estrada do Bom Retiro, ficava uma residência de dois pavimentos, situada entre as residências de Kurt Hering e a viúva Gross, de propriedade do Sr. Poettig, cunhado de Kurt Hering. O Sr. Poettig, como todos os Hering, também trabalhava na Companhia Hering, e cabia a ele a guarda do cofre da empresa.

Uma certa noite, na década dos 20s, subiram no segundo andar, penetraram no dormitório do casal Poettig e roubaram o chaveiro da calça do mesmo, no qual estava também a chave do cofre-forte. Com estas chaves, os amigos do alheio dirigiram-se aos escritórios da Companhia Hering, abriram o cofre-forte e carregaram 40 contos de réis, muito dinheiro para a época.

Na época, este roubo deu muito o que falar. Apareceram as mais variadas versões, todas porém ficavam sem as devidas averiguações. Parecia que este roubo partia para um desfecho muito delicado e, por esta razão, foi gradativamente abafado.

Ata traduzida do 1º livro do Protokoll Buch Von Verein Gemütlichkeit. 1894-1922

Ata da Reunião — março 1894 RESULTADO DAS ELEIÇÕES

Carl Gieseler foi eleito Presidente por 10 sócios.
Josef Garn foi eleito a Vice-Presidente por voto de desempate
Theodor Rödel — Secretário e
Otto Ramthun — Tesoureiro

SÓCIOS NOVOS

Erwin Köhler — Louis Hedler — Ferdinand Tahlmann e Richard Siebert. Foram admitidos por unanimidade.

Sobre pagamento de jóias, houve acordo unanime, de que seria pago trimestralmente.

Ao encerramento da reunião, tinham que aparecer 11 sócios. Na próxima reunião será eleito o 2º vice-presidente.

Como ninguém tinha mais nada a falar a reunião foi encerrada.

ATA REUNIÃO ABRIL 1894

NOVOS SÓCIOS — Hermann Metzner foi votado por unanimidade: Ignácio Kaspovitsch foi aceito por 8 votos contra 3 e Goswin Bader, 10 votos contra 1.

Durante a reunião foi abordado sobre o primeiro baile que seria realizado e sugerido o local. O Sr. Presidente falou sobre o custo do Baile. O local escolhido para o primeiro Baile foi o local Holetz. Votação 11 contra 1. O Sr. Presidente sugeriu que cada sócio desse uma contribuição de 1\$000 (Hum mil reis), para o custeio do baile. Houve uma eleição para os comitês de baile. A sugestão do presidente para os comitês foram: Heinrich Schmidt, Hermann Metzner e Otto Gieseler.

Na votação para 2º Vice-Presidente foi eleito o Sr. Erwin Köhler 8 votos contra 4.

Foi pedido a cada sócio, ou uma pessoa de sua confiança, que buscasse seu SIMBOLO DA SOCIEDADE até o mais tardar domingo ao meio dia, do dia 15 de abril, no local HOLETZ.

Houve reclamações sobre a conduta de alguns sócios, foi pedido que cada sócio que se comporte o máximo possível.

Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a reunião.

ATA DA REUNIÃO — MAIO 1894

A reunião foi aberta pelo Sr. Presidente com a participação de 11 sócios, e houve comentários sobre a reunião anterior.

1. A ata da reunião anterior foi discutida e melhorada e aceita por todos.
2. Foi lida a carta do Secretário que se exonerou do cargo, e foi em comum acordo.

3. O Vice-Presidente falou que: Elogio o interesse de todos, e os pontos abordados e apoiado por todos.
4. Foi falado sobre a bandeira, foi apoiada a idéia, e pedido uma urgência. Foi pedido um levantamento sobre preços, até a proxima reunião.
5. Foi empossado o Sr. José Garn para Secretário em substituição ao ao Sr. Theodor Roedel, até a proxima reunião.
6. NOVOS SOCIOS — Georg Siegnot - foi aceito por unanimidade,
 Rudolf Vollner - 9 votos contra 1,
 Adolf Pauli - 9 votos contra 1
 Reinhold Grundmann - unanime
 Wilhelm Berndt - 9 votos contra 1
 Otto Stutzer - 7 contra 3
 Albert Zettin - 8 votos contra 2
 August Zumach - 9 contra 1 e
 Xavier Zimmermann, 4 contra 6 (Não aceito)
 Heinrich Sutter e Arthur Grahl, por unanimidade.

Foi dada a palavra livre para quem quisesse fazer uso, falou o Sr. Goswin Bader, sugerindo uma punição para os desordeiros. Foi deixado para proxima reunião.

Como não tinha mais nada, o Sr. Presidente encerrou a Reunião. Assinaram — Otto Ramthum, Josef Garn, Carl Gieseler.

ATA DA REUNIÃO — JUNHO DE 1894

Aberta a reunião pelo Sr. Presidente, com 14 sócios.

Foi lida a ata da ultima reunião e aprovada por todos.

Sobre a bandeira, foi pedido uma contribuição de cada sócio em 5\$000 (cinco mil réis), e foi dado a confiança ao Tesoureiro fazer a cobrança. Comentou-se sobre a punição aos desordeiros e aprovado por todos.

NOVOS SOCIOS — Robert Gerlk, 14 votos contra 1

Heinrich Ratke - 14 contra 1, Aceitos.

A cobrança do 1º trimestre, que foi de 1º de março até fim de maio foi feita na última reunião.

Foi nomeado um encarregado de admissão dos novos sócios, Sr. Louiz Hedler.

O baile abordado na reunião anterior foi adiado, porque só daria problemas para a Sociedade. Então foi sugerido uma pequena dança com um pequeno conjunto, e com uma participação de 500 réis, até a inauguração da Bandeira, e uma marcha e depois o Baile, com mais uma colaboração de 1\$000 (Hum mil réis), e também não aceito e adiado

Sem mais a reunião foi encerrada.

Assinaram: Otto Ramthum, Josef Garn, Carl Gieseler .

ATA REUNIÃO — Julho de 1894

O Sr. Presidente abriu a reunião contando com 18 sócios.

1. Lida a ata da última reunião.

2. Sugerido novamente, uma dança, foi aceito com uma contribuição de 500 réis.
3. Novos Sócios — Oscar Rüdiger 15 votos contra 3; Julius Rüdiger 13 contra 5; Gustav Zuagthum 16 votos contra 2; F. Kückhof 17 contra 1; Paul Michel 12 contra 6; Oswald Grahl aceito unanime; Xavier Zimmermann foi votado o ingresso pela segunda vez e novamente reprovado como sócio em 5 votos contra 12.
4. Sobre a marcha com a bandeira será discutido na próxima reunião. Foi votado o comitê para o Baile, são: Wilhelm Holetz, Hermann Dittrich e Emil Gieseler.
5. Foi falado sobre alguns pontos para satisfazer os sócios presentes. Sem mais, foi encerrada a reunião.

Assinado, Josef Garn, Substituto Secretário.
(Traduzido por: Alberto Scharf e Valdir Scharf)

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

DE COLÔNIA A MUNICÍPIO

I

A 14 de agosto de 1882, o Dr. Blumenau foi a Itajaí assistir ao embarque de sua esposa e filhas, que viajavam para a Alemanha, onde Pedro Hermann já se encontrava há dois anos, afim de reiniciar os seus estudos.

Ao se despedir do pai, Christine Amália, que não se conformava com a separação, perguntou-lhe, triste e pesarosa:

— Papai, por que o senhor não vai conosco. Vê como mamãe está triste e como Gertrud chora! Deixa tudo isto aqui e vamos embora.

— Ontem o senhor nos falou que estava com muita saudade do Pedrinho. Então vamos para onde ele está, insistia Christine.

— Filha, falta pouco para papai terminar a sua missão na Colônia que ele criou com tanto amor e sacrificio. Quero ainda vê-la se transformar em município, ou seja, a sua emancipação.

Bertha Louise, embora triste e nervosa, procurou convencer sua filha:

— Filha, papai sabe muito bem o que está fazendo. Em breve ele estará conosco.

Em pouco, os lenços brancos acenavam em despedida. E no trapiche, o Dr. Blumenau olhava o navio que se afastava.

Como era ainda muito cedo, ele resolveu ir até a casa do seu velho amigo Ângelo Dias.

Ângelo tomava café com a mulher e um netinho, quando ouviu baterem à porta:

— Seu doutô! Que prazer em revê o senhor! Donde vem tão cedo?

— Minha família acaba de embarcar para a Alemanha. E como era muito cedo, resolvi visitar o amigo e convidá-lo para a festa da passagem da nossa colônia para município, o que se dará dentro de poucos meses.

— Mais seu doutô, nem se discute que estarei lá. E o seu Ferdinando, não vai também?

— Claro que vai! Tão logo tenha a data certa da instalação, escreverei para ele passar por aqui e apanhá-lo. Vocês dois, além de meus convidados, serão meus hóspedes.

De repente, se ouviu um forte e estridente cantar, o cantar da graúna.

— Ué Você, Ângelo tem uma graúna em casa?

— É do Hermann, meu netinho!

— Her...mann?! Você tem um netinho com o meu nome, Ângelo? Você nunca me disse nada!

— E o senhor, seu doutô, algum dia disse pro nosso Imperador que tinha um filho com o nome dele?

— Nunca!

— Pois tá aí a resposta, seu doutô!

Depois das risadas, Ângelo contou-lhe uma história de graúna que há muito queria contar.

— O senhor sabe, seu doutô, que faz um tempão, o seu Ferdinando teve aqui, viu uma graúna do meu caçula, deu pra ele cinco mil réis e levou o bichinho com gaiola e tudo pro Desterro?

Eu disse pra ele: "Cuidado, seu Ferdinando, que em cidade grande esse passarinho não deixa ninguém dormir e vai dá trabalho pro amigo!"

— Não dá não, Ângelo. Lá no Desterro os vizinhos são todos meus amigos.

— Tempos depois, ele voltou aqui e eu perguntei da graúna. Ele deu uma risada e me respondeu: "Só durou uma semana. Um dia de manhã ela não cantou mais, eu fui ver na gaiola e ela estava morta, cheia de chumbinho de espingarda de caça!"

— Que malvadeza, Ângelo!

— Seu doutô, pra mim foi o seu Ferdinando que deu fim nela, pra não amolá com os vizinhos dele, porque do jeito que ele deu a risada, eu vi logo que foi coisa dele.

— Está bem, Ângelo, então se prepare para a festa. Hackradt passará por aqui e irá junto com você. Aguarde que tudo dará certo, meu amigo. É este o Hermann? — perguntou o Dr. Blumenau, vendo o garoto brincar.

— Sim senhor, sem tirá nem botá, seu doutô.

— Garoto forte e simpático, meus parabéns, Ângelo, e dá por mim um abraço na patroa, quando chegar.

— Ela saiu pras compras, mas volta logo seu doutô!

— Então até a festa. Infelizmente estou com pressa e não posso esperar pela tua patroa. Até breve, meu amigo e velho companheiro!

— Até mais, seu doutô e muito obrigado pelo convite!

II

Em dezembro de 1882, o Dr. Blumenau recebeu um ofício da Câmara Municipal de Itajaí, comunicando-lhe que a instalação do Município de Blumenau se daria no dia 10 de janeiro de 1883, na sede da Colônia. E que contaria com a presença de toda a Câmara, cujos Conselheiros eram os seguintes: Presidente, e a quem caberia instalar o município, Luis Fortunato Mendes; Ernesto Augusto de Bustamante, Gabriel Maria da Veiga, José Pereira Liberato, Samuel Heusi, Manoel Joaquim Macedo e Olímpio Aniceto da Cunha.

Depois de ler o ofício, o Dr. Blumenau pensou, relendo todos os nomes dos conselheiros: "Este Samuel Heusi deve ser o único imigrante, já que os demais são nomes de brasileiros ou de descendência portuguesa.

Foi este um dia de muita alegria para o colonizador, que via finalmente realizado um dos seus maiores sonhos: A sua Colônia transformada em Município.

A casa em que residia o Dr. Blumenau, com a enchente, ficou inabitável. Este mudara-se, provisoriamente, para a casa na qual seria instalada a futura Câmara Municipal. Destarte, com a notícia que lhe dava o ofício, era chegado o momento de se mudar.

Como estava atualmente só, resolveu hospedar-se no Hotel Schreep, tendo em vista o seu breve regresso definitivo para a Alemanha.

Enquanto preparava a sua mudança, revolvendo os seus papéis para encaixotá-los, já pensando em sua breve viagem, encontrou o diploma do "Instituto Livre Alemão de Alta Cultura", da "Casa de Goethe", de Franckfurt, que lhe conferira o título de membro honorário e mestre.

Do referido diploma em que são realçados os seus méritos, consta que o seu nome foi registrado no livro de honra do povo alemão, "cujo maior orgulho e cuja maior glória, consiste em realizações de espírito, no enobrecimento da humanidade, mediante a divulgação das ciências, das artes e da ilustração em geral".

O "Hochstift" pediu sobretudo a sua colaboração "em assuntos pertinentes aos setores da Economia Política e da Geografia, a que se devotava com sucesso.

O Dr. Blumenau não era vaidoso. As honrarias, pois, não lhe subiam à cabeça. Assim, na sua sincera humildade e modéstia, relen-

do aquele honroso diploma, ele pensou: "Agradaria muito vê-lo e admirá-lo meu bom amigo Bruno Hering. Por que, então não mostrar tão valioso documento a esse grande apologista de Goethe?"

Assim pensando, resolveu fazer à noite uma visita aos Hering, por dois motivos: o primeiro, convidá-los para a festa da instalação do município e o segundo, mostrar o diploma para o seu amigo Bruno. Seria unir o útil ao agradável.

Quando chegou à casa dos Hering, eles haviam terminado o jantar.

Depois dos cumprimentos, Hermann Hering, vendo-o com um rolo de papel debaixo do braço, perguntou curioso:

— Não me diga, Dr. Blumenau, que ganhamos mais diplomas e medalhas!

— Exatamente, Hermann! Porém, este é para o Bruno!

— Pa...ra...mim? Não concorri à coisa nenhuma!

— Veja-o, examine-o com todo o carinho, meu amigo!

Bruno, rápido, segurou o papel e, cuidadosamente, o desenrolou. Em profundo silêncio, olhos arregalados e brilhantes, começou a ler e sorrindo, exclamou extasiado:

— Da "Casa de Goethe"! Do "Instituto Alemão de Alta Cultura"! Meu Deus, este é o maior prêmio cultural que um ser humano pode desejar. Meus parabéns, Dr. Blumenau! Veja, Hermann, que maravilha!

O Dr. Blumenau, sereno, a tudo assistia e se comovia com a alegria e satisfação de Bruno e lhe disse carinhosamente:

— Bruno, meu amigo. Se este diploma fosse transferível, eu o faria com o máximo prazer para o seu nome.

— Dr. Blumenau! Eu não sou digno de tanta honraria. Muito obrigado pela sua tão nobre intenção!

Depois do licor, o Dr. Blumenau convidou-os para a festa da instalação do município.

Curt Hering, já com dois anos e pouco, entrou correndo na sala. Hermann o segurou e disse:

— Como é, Curt, não vai cumprimentar a visita, o nosso amigo Dr. Blumenau?

Ele saiu dos braços do pai, cumprimentou o Dr. Blumenau e deixou, correndo, a sala.

— Como cresceu nesses dois anos! Será mais um grande Hering.

— Muito obrigado e que Deus lhe ouça, Dr. Blumenau.

Bruno, que ainda tinha o diploma nas mãos, perguntou:

— Dr. Blumenau, o senhor não vai pôr este diploma num quadro?

— Não, Bruno. O guardarei para que mais tarde Pedro Hermann o mostre como uma lembrança do seu velho pai.

— A sua modéstia, Dr. Blumenau, é que o torna ainda mais encantador e admirável. Aliás, ela é atributo dos grandes homens.

— Quando se escrever sobre a sua Colônia, certeza tenho de que a sua vida e a sua obra, Dr. Blumenau, enriquecerão as páginas da nossa História.

— Nada fiz, meu amigo Bruno, pensando em glórias e honrarias. Tudo o que realizei, fi-lo por amor à colonização, trabalho a que me dediquei contra a vontade de meus pais. E se tivesse a oportunidade de fazer de novo, eu o faria com o mesmo ânimo, meu bom amigo, e repetiria tudo mesmo, minuto a minuto, o que fiz durante esses 35 anos inesquecíveis para mim, Bruno!

Bem, meus amigos, a noite já vai alta. Espero vê-los na festa do dia 10 próximo. Boa noite!

— Sem dúvida, Dr. Blumenau, lá estaremos todos, com imenso prazer!

E assim como fez com os Hering, o Dr. Blumenau foi, de casa em casa, de cada colono, repetindo o convite para o dia 10 próximo, a festa maior da sua Colônia que se tornaria município, o seu velho e grande sonho de colonizador.

**

A FESTA DA INSTALAÇÃO

I

No dia 9 de janeiro, à tarde, o Dr. Blumenau, acompanhado de seus dois sobrinhos Reinhold e Victor Gaertner, foi esperar o "Progresso". Nele, entre muitos convidados para a festa da instalação, viriam todos os Conselheiros da Câmara de Itajaí, como também os seus dois convidados especiais, Ferdinando Hackradt e Ângelo Dias.

O Dr. Blumenau, com essa curiosidade que lhe era inata, queria conhecer, especialmente, o Conselheiro Samuel Heusi, por ser ele o único imigrante entre os Conselheiros de Itajaí.

Depois da chegada do vapor e da recepção dos seus dois amigos foi apresentado aos Conselheiros, por José Henrique Flores Filho (mais tarde presidente da Câmara Municipal de Blumenau). E ao ser apresentado a Samuel Heusi, o convidou para o jantar daquela noite.

— Com muito prazer, Dr. Blumenau — disse-lhe o Conselheiro Heusi.

— Nós também estamos hospedados no Hotel Schreep, para cujo jantar o senhor acaba de me convidar.

— Excelente então, Conselheiro. Nós nos encontraremos à noite no hotel.

Ângelo Dias, de fatiota domingueira e bengala, visto como suas pernas não andavam muito firmes, sentia-se bem naquele ambiente festivo e se divertia com o inusitado movimento no hotel Schreep e em toda a Colônia.

— Seu Ferdinando, quem haverá de dizer que nós tivemos a-

campado bem pertinho daqui, quando tudo isto era ainda mata virgê fechada.

— É mesmo, Ângelo. Quantos anos estão fazendo?

— Pois foi em 1848, nós tamos em 1883, faça as contas, seu Ferdinando.

— Trinta e cinco anos, Ângelo! Que tempão, heim?

— Santo Deus, como o tempo avoa, seu Ferdinando!

— Como é, Ângelo, não me acompanhas numa pinguinha da boa?

Ele sorriu e estalando os lábios:

— Vontade não me farta, seu Ferdinando. Mas não tomo mais, nem a porrete. Deixei de vez esta maldita que quase me esbudegou os figo.

— Ângelo, quem é aquele senhor de meia idade com quem o Dr. Blumenau conversa tão animadamente?

— É o Conselheiro Samuel Heusi, o único imigrante de todos os Conselheiros de Itajaí. Sujeito bom e trabalhador talí, seu Ferdinando.

— Logo vi. O Dr. Blumenau, na certa, está vasculhando toda a vida desse imigrante.

Numa mesa pouco distante de Hackradt e Ângelo, o Dr. Blumenau conversa animadamente com o Conselheiro Samuel Heusi.

— Aonde nasceu, Conselheiro?

— Em Schleithem, no cantão de Schaffhausen, Dr. Blumenau.

— Schaffhausen fica ao norte da Suíça, limitando com o sul da Alemanha. Daí porque o sr. Heusi fala tão bem o alemão.

— Exatamente. Eu emigrei para o Brasil com apenas doze anos. Com a minha mãe viúva e dois irmãos mais moços, viemos primeiro à Colônia Dona Francisca, onde ficamos até 1859, ano em que nos transferimos para Itajaí, porque mamãe precisava morar numa cidade à beira-mar.

— Que pena! Não fora isso e poderiam ter vindo para a minha Colônia.

— Sr. Heusi, peço desculpas por tantas perguntas, mas é que sou muito curioso e, como colonizador, gosto de saber tudo sobre os imigrantes.

— Então vou lhe dar maiores informações sobre a minha vida. E' o faço com imenso prazer, Dr. Blumenau. Não vejo nada demais em se ser curioso, uma vez que, pela curiosidade, se adquire cultura. Na Colônia Dona Francisca, fui um dos fundadores do Clube Ginástico.

— É, o alemão ou o suíço-alemão não vive sem a sua ginástica. E para onde vai, cria logo o seu Clube de Ginástica, além de outras sociedades culturais.

— E' o seu Clube de Tiro ao Alvo, não se esqueça, Dr. Blumenau.

— É claro, Sr. Heusi, é esta também uma forma de se divertir, tomando a sua cervejinha. Mas, como se meteu em política, Sr. Heusi?

— Em 1882, houve eleição para Conselheiros à Câmara Municipi-

pal de Itajaí. E isto, em virtude de irregularidades havidas numa urna, precisamente de sua Colônia. A eleição foi anulada pelo Juiz de Distrito da Comarca de Itajaí, sendo prorrogados os mandados da Câmara anterior. Ainda em 1882, se fez nova eleição. Assim fui eleito, tomando posse no ano seguinte para um mandato de 1883 a 1886.

— Quer dizer que por causa de uma irregularidade ocorrida exatamente aqui em nossa Colônia, o Sr. Heusi entrou para a política?

— Exatamente. Com a nova eleição, entenderam os meus amigos, todos colonos alemães e alguns brasileiros, que eu deveria concorrer à eleição. Entre outros, lembro-me, no momento, de alguns nomes: Nicolau Malburg, que já tinha sido Conselheiro em 1869-1872; os Haendchen, que também já tinham sido Conselheiros; Guilherme Asseburg, Rodolfo Herbst, Conselheiros em 1877-1880; depois os Konder, os Müller, os Zimmermann, além de outros. E foram esses meus amigos que, reunidos, imigrantes e brasileiros, acharam que era a minha vez de concorrer. E hoje aqui estou, como Conselheiro e participando da instalação do Município de Blumenau, filho dileto da Colônia fundada pelo Senhor, Dr. Blumenau.

— Ótimo, Sr. Heusi, meus parabéns! Bem, é chegada a hora do jantar, mas antes, vamos nos reunir a mais dois amigos meus.

Quando se aproximavam de Hackradt e Ângelo e, este, mais que depressa, se levantou e, estendendo a mão:

— Boa noite, Sr. Conselheiro, como vai?

— Muito bem, Sr. Ângelo. Sei que está na festa como um velho amigo do Dr. Blumenau e como o seu primeiro guia e canoieiro.

— O Sr. Conselheiro tá sempre muito bem informado.

— Claro, Sr. Ângelo, conheço muito bem a sua tradição de ser o melhor canoieiro e conhecedor do nosso magnífico Itajaí-Açu.

— Então, já se conhecem, — disse o Dr. Blumenau, satisfeito, frente ao amistoso encontro do Conselheiro com Ângelo Dias.

Ângelo respondeu, feliz:

— Sou, Dr. Blumenau, eleitô do Conselheiro, porque ele é do Partido Monarquista, que foi também o partido do meu velho compadre Agostinho Alves Ramos, de saudosa memória.

— Não sabia, Sr. Ângelo, que era meu eleitor. Fico muito contente em tê-lo entre os meus eleitores.

— Conselheiro, sou seu eleitô porque numa conversa que eu ouvi o Sr. falou muito bem do meu cumpadre Agostinho. Daí em diante, comecei a gostá do Sr. e vi que o meu voto foi muito bem dado.

— Muito obrigado, Sr. Ângelo!

— Não tem nada que agradecê, quem fala bem do meu cumpadre, meu amigo é.

O jantar, na véspera do dia da Instalação, terminou bastante tarde.

II

O dia 10 de janeiro de 1883, o dia maior da Colônia do Dr. Blumenau, amanheceu chuvoso e muito quente.

A tarde, pouco antes das solenidades, choveu e trovejou. Porém, pouco depois, o tempo limpava e refrescava.

Toda a Colônia estava engalanada para comemorar condignamente o seu dia maior.

Os colonos, homens e mulheres nos seus melhores trajés e muitos deles típicos, se encaminhavam em direção à Câmara Municipal, para assistirem às solenidades que dentro em pouco se realizariam.

A mesa de honra da instalação, presidida pelo Conselheiro Luis Fortunato Mendes, Presidente da Câmara Municipal de Itajaí e secretariada por Luis Vitorino da Silva, com a presença de todos os Conselheiros de Itajaí. Grande número de convidados especiais, pessoas de destaque da Colônia e muitos colonos, lotavam totalmente o grande salão da Câmara Municipal.

O Dr. Blumenau pediu para não ter assento na mesa de honra, preferindo permanecer com Hackradt e Ângelo, entre os seus seus colonos, na primeira fila de cadeiras do salão.

— Mas, Dr. Blumenau, o senhor, mais do que ninguém, deve estar aqui na mesa de honra, — insistia o Presidente Luis Fortunato Mendes.

— Meu caro Presidente, muito obrigado! Com estes dois cidadãos que estão agora a meu lado, fiz a minha primeira viagem, para a escolha do local da minha Colônia. Interessante — prosseguiu — escolhemos o local e acampamos bem perto daqui, onde passamos quase três meses, percorrendo toda esta redondeza, rica de pássaros, animais selvagens e mata virgem. São os meus companheiros das primeiras horas em nossa Colônia. Faço, pois, questão que o sejam também nas últimas horas da Colônia, que hoje é promovida a Município.

— Está bem, Dr. Blumenau. Louvo a sua simpática e nobre atitude, o seu alto espírito de companheirismo.

Bem atrás do Dr. Blumenau estavam sentados os Hering, o padre José Maria Jacobs, Carl Hoepcke, Fritz e Augusto Müller, Emilio Odebrecht, Carlos Guilherme Friedenreich, Henrique Probst, Johann Karsten, Luiz Sachtleben, Luiz Altenburg Sênior, Guilherme Schroeder, Pastor Oswald Hesse, Otto Stutzer, Frederico Deeke, Gotlieb Reif e muitos outros antigos colonos.

Empossados os vereadores, escolheram eles para seu presidente o itajaiense José Henrique Flores Filho e nomearam procurador, secretário e fiscal, respectivamente, Avé-Lallement, Guido von Seckendorf e Otto Wehmuth.

Terminada a sessão solene de instalação do Município de Blumenau, o Dr. Blumenau, depois de receber muitos cumprimentos, sempre ao lado dos seus dois companheiros, comentou com os amigos, ao se retirar da Câmara:

— Hackradt e Ângelo, aqui termina a minha missão da minha ex-Colônia agora Município de Blumenau, o qual será administrado por um Superintendente e uma Câmara, eleitos pelo povo, o que vale dizer, pelos próprios colonos.

Portanto, só me resta com todos me congratular, passar a Administração que vinha exercendo para o Presidente da Câmara, liquidar alguns negócios ainda pendentes e voltar, definitivamente, para junto dos meus na Alemanha e lá passar os últimos dias de minha vida.

— Quer dizer então, Dr. Blumenau, que vai nos abandonar?

— Sim, Hackradt. Todavia, abandonar não é bem o termo, já que continuarei me correspondendo com os amigos que aqui deixo e com eles mantendo essa velha amizade. Vou apenas me afastar, este sim, é o verdadeiro termo.

Ângelo, triste com as palavras do Dr. Blumenau, comentou:

— É uma pena que o doutô nos deixe. Nunca, em toda a minha vida de homem simples, gostei tanto de uma pessoa, como do doutô, tão bom e tão amigo.

— Sei, Ângelo, que as tuas palavras são sinceras. Quando mais não fosse, deste ao teu netinho o meu nome. Te sou muito grato. Nunca vou me esquecer de você, Ângelo!

— Foi um meio de nós sempre se lembrá do doutô, quando chamamos por ele.

— Bem, meus amigos, já anoitece. Vamos até o hotel e depois do jantar, conversaremos, recordando os bons momentos que aqui passamos.

Na manhã seguinte, assim como fora recebê-los, o Dr. Blumenau foi também até o embarque dos seus dois velhos amigos até que o "Progresso" zarpasse repleto dos convidados da festa de instalação do Município.

Um mês depois o Dr. Blumenau partiu para o Rio de Janeiro, onde na companhia de Koseritz, fala para os políticos da Corte, entre eles o Visconde de Taunay, Visconde de Barbacena, Leão Veloso, André Rebouças, Nicolau Vergueiro, Barão de Guimarães, Malvino dos Reis, Figueiró, Dr. Sampaio, Ennes de Souza, uma comissão da Sociedade Geográfica de Lisboa, o Consul Geral Holandês, Palm Ph. Staughter, o Barão de Tautphous e Schid-Dranmor.

Entretanto, como não tinha o dom da oratória, foi Koseritz quem proferiu o discurso inicial.

Depois que expôs ele próprio os planos e os fundamentou solicitando que fosse afastada a indiferença até aqui demonstrada pelo Governo e pelo povo no tocante à defesa deficiente dos interesses brasileiros junto aos países estrangeiros, aconselhando um maior empenho neste sentido.

Pois, se tal não se verificasse, — continuou — a República Argentina colheria os louros, conforme provou o orador, exibindo dados estatísticos e acrescentando que, dentro de meio século, aquela República seria a primeira potência da América do Sul, caso continuasse esse estado de coisas.

Koseritz foi vivamente aplaudido pelos presentes.

Em seguida, a Assembléia elegeu seu presidente o Visconde de Taunay. Este proferiu brilhante oração, em a qual expôs a suas idéias sobre o tema em debate.

A única dificuldade partiu do Comendador Vergueiro, quando declarou que para atrair imigrantes, bastariam reformas legais, tais como a grande naturalização, a instituição do casamento civil e a abolição da religião oficial. Considerou supérfluas uma organização especial e a intervenção do governo. Entretanto, ao final, aceitou os argumentos dos seus opositores.

Foram rejeitadas as objeções interpostas por um porta-voz chinês.

Em continuação, ficou unanimemente resolvido, por proposta de Malvino dos Reis, fundar-se uma sociedade promotora da imigração denominada "Sociedade Central de Imigração".

(Continua no próximo número)

Você Sabia?...

Frederico Kilian

... que a lei nº 709, de 17 de abril de 1874 autorizou a criação de três ou mais aldeamentos para civilização dos bugres — sendo um em São Francisco, outro em Joinville e outro em Itajaí. Esse dispositivo legal nunca foi concretizado.

**

... que a Colônia Angelina foi fundada pelo Presidente Araújo Brusque, autorizada por Aviso do Ministério do Império de 30 de Novembro de 1859 e que as primeiras medições de lotes foram feitas pelo agrimensor Carlos Otto Schlappal, no lugar então denominado Mundéus?

**

... que em 16 de janeiro de 1974 foi fundada nesta cidade a Casa do Artista de Blumenau sendo sua primeira diretoria assim constituída: Presidente: Guido Heuer; Vice-Presidente: Rubens Oestroem; Secretário: Carlos Freitas; Tesoureira: Kátia Schmidt Fonseca e seu Conselho Fiscal composto dos senhores: Francisco Canola Teixeira, José Valdir Floriani e Vilson do Nascimento?

**

... que a colonização de RODEIO, ocorreu no ano de 1875, quando uma leva de imigrantes italianos e austriacos vindos do Tirol, Veneza, Gênova, Cremona, Bréscia, Treviso e Áustria, em número de 120 famílias, se estabeleceram no picado de Rodeio, salientando-se entre as famílias as de Antônio Uller, Giuseppe Pacher, Giorgio Stulzer, Guerino Frainer e outras?

**

... que em março de 1874 é organizado na então Vila de Brusque, por Augusto Maluche o primeiro Conjunto Musical Brusquense, com o seguinte instrumental: clarinete, dois pistões, um bugle, um trombone e um Bombardão, e que essa banda fez sua estréia pública na festa de Páscoa da Sociedade de Atiradores, por 30\$000 (trinta mil reis)?

NA ALEMANHA, O PRESIDENTE CARSTENS CONDECOROU O PROF. GERMANO SUESSEGGER, QUE DURANTE MUITOS ANOS LECIONOU NO COLÉGIO STO. ANTÔNIO DE BLUMENAU

José Gonçalves

Em reconhecimento pelos bons serviços que nos últimos anos tem prestado a seu país, junto à cidade de Weingarten, onde reside e onde é presidente do Comitê de Intercâmbio e Parceirismo daquela cidade alemã com Blumenau, o presidente da República Federal da Alemanha, Professor e Dr. Carstens, condecorou, no dia 23 deste mês de junho, o professor Germano Suessegger, pessoa muito benquista e relacionada em Blumenau, já que durante muitos anos lecionou no Colégio Santo Antônio, transferindo-se, mais tarde para a Alemanha, cidade de Weingarten, aonde passou a lecionar num colégio local.

O início deste trabalho, foi marcado com a visita que, em junho de 1975, fizeram àquele professor e amigo, Weingarten, o sr. José Gonçalves, então chefe do serviço de relações públicas e imprensa da Prefeitura de Blumenau e o sr. Alfredo Wilhelm, correspondente de língua alemã junto à municipalidade. Naquela ocasião, José Gonçalves fez entrega, ao prefeito Rolf Gerich, de uma bandeira de Blumenau, propondo um intercâmbio de parceirismo em bandeiras com aquela bela cidade situada às margens do Lago Constance, no sul da Alemanha. Recebidos pelo prefeito Gerich com a maior simpatia, conduzidos e apresentados pelo Professor Germano Suessegger, a quem foram os dois blumenauenses visitar na ocasião, o prefeito de Weingarten ofereceu, na oportunidade, a bandeira de sua cidade, aceitando com prazer a proposta de que as duas cidades — Blumenau, no Brasil e Weingarten, na Alemanha, sempre que recebessem cidadãos oriundos das mesmas, hasteassem a bandeira, em homenagem aos visitantes e também para, através deste meio, estreitar cada vez mais os laços de amizade entre as duas cidades.

O efeito deste encontro fez-se sentir tempos mais tarde quando o professor Germano, que passara a presidir o Comitê de Intercâmbio e Parceirismo de Weingarten, trouxe a Blumenau o próprio prefeito Gerich e mais outros cidadãos membros do legislativo e da indústria daquela cidade, tendo, desde então, sempre acompanhado de visitantes, vindo a Blumenau três vezes. E no mês de julho, aqui novamente estará, mais uma vez trazendo pessoas do sul da Alemanha para conhecer Blumenau. Um esforço sem dúvida elogiável e que tem repercutido muito bem não só em Blumenau como na própria Alemanha,

visto que agora, como prêmio desta dedicação, despertada há sete anos quando da visita dos dois representantes do Executivo blumenauense ao prefeito Gerich, o professor Germano recebeu, da parte do presidente do seu país, a condecoração que representa o reconhecimento público pelos bons serviços que vem prestando a seu país e ao Brasil, na dedicação em prol do entrelaçamento de amizade e intercâmbio cultural entre os dois países, mais precisamente entre sua cidade, Weingarten e Blumenau .

Durante sua administração, o prefeito Renato Vianna empenhou-se sempre no desenvolvimento deste intercâmbio, trocando correspondência continuamente com o prefeito Gerich, que aqui esteve como hóspede oficial do município em 1981. Agora, entusiasmado com o ocorrido em relação ao professor Germano, o prefeito Rolf Gerich enviou uma carta, datada de 28 de maio último, ao Sr. Renato Vianna, vasada nos seguintes termos, traduzidos para a nossa língua pelo sr. Alfredo Wilhelm. Diz o seguinte:

“Weingarten, 28 de maio de 1982.

Prezado caro colega e estimado amigo Dr. Renato.

É com o máximo prazer que posso comunicar-lhe que o Professor Dr. Carstens, Presidente da República Federal da Alemanha — correspondendo a uma proposta nossa — agraciou o nosso estimado senhor Suessegger (prof. Germano) com a “Cruz do Mérito” (Bundesverdienstkreuz), da República Federal da Alemanha, o qual já há muitos anos é o presidente do Comitê de Intercâmbio e Parceirismo de nossa cidade.

Reconhecido assim de público e oficialmente o seu entrelaçamento honorário — exemplar e coroado de êxito — pelo entendimento e confraternização entre os povos e assim também pelo “parceirismo de bandeiras” entre Blumenau e Weingarten, como também seu relacionamento em outras áreas de nossa cidade, como por exemplo as festas escolares, etc.

Entregarei pessoalmente esta comenda ao senhor Suessegger, num ato solene, na quarta-feira, dia 23 de junho de 1982, às 18 horas, no Salão Nobre de nossa prefeitura.

Permita-me, caro colega Dr. Renato, de convidá-lo com muita cordialidade para esta solenidade. Não somente nós, como também o agraciado senhor Prof. Germano Suessegger, se sentiriam sumamente honrados, se o amigo pudesse estar presente a este ato festivo. — Cordiais Saudações — ROLF GERICH, prefeito”.



As fotos que ilustram esta página, representam o marco histórico de um parcerismo de bandeiras e de intercâmbio cultural entre Blumenau e Weingarten (Alemanha), iniciado em 1975, quando da visita que foi feita àquela cidade por José Gonçalves, na época relações públicas e do setor de imprensa da Prefeitura, no governo Felix Theiss e Alfredo Wilhelm, correspondente em língua alemã junto ao mesmo gabinete municipal. Na oportunidade, o prefeito Rolf Gerich (acima), fez entrega da bandeira de Weingarten a José Gonçalves, depois de receber

a de Blumenau. Embaixo, em agradável palestra, na presença ainda do prof. Germano Suessegger (o mais alto), que foi o anfitrião dos dois visitantes e que deu continuidade ao intercâmbio então iniciado e que hoje está alcançando muito êxito, com os numerosos visitantes que, de Weingarten e arredores, já estiveram em Blumenau, entre eles membros da Câmara de Vereadores, deputados e industriais. Agora, face ao seu inteligente e dedicado trabalho no intercâmbio, o Prof. Germano foi homenageado pelo presidente Carstens com uma condecoração muito merecida.

A opinião dos que nos visitam

— O respeito e a perpetuação do passado é uma forma de demonstrar inteligência e progresso. Parabéns ao pessoal deste Museu da Família Colonial. O Brasil é um cadinho de raças e povos e aí está uma prova eloqüente. Carlos Alberto Ferreira de Souza - SP.

**

— Já vim aqui muitas vezes, mas continuo gostando cada vez mais deste Museu da Família Colonial - Roni Schneider - Blumenau.

**

— É gratificante verificar-se que em algum ponto deste país alguém se interessa por preservar e bem mostrar a história de sua cidade e do seu país, como é o caso do Museu da Família Colonial. Blumenau está de parabéns. - M. Miranda - Rio.

**

— Só vendo e apreciando minuciosamente suas relíquias é que descobrimos o verdadeiro valor do Museu da Família Colonial. Passando a tarde e conversando com o diretor da Fundação, José Gonçalves, é que muito aprendemos, pois ele nos ensina a amar as coisas de nossa gente, nossos antepassados. Maravilhoso! - Rainara Baumgarten - Diene Stollmeier. - Blumenau.

**

— O Museu da Família Colonial revela detalhes incríveis, de coisas que dificilmente uma geração jovem como a minha poderia imaginar. Gostei de tudo. É maravilhoso! Isto porque ele nos ensina a amar as coisas de nossos antepassados, que muito sacrifício fizeram a Blumenau do passado! - Dulcinéia dos Santos - Blumenau.

**

— Achei algo muito bem organizado. Senti bem de perto a vida e os costumes deste povo. Continuem preservando este tesouro antigo e valioso. Denize Nascimento de Oliveira - Paranaguá. - Paraná.

**

— Conheci muito da História de Blumenau visitando este Museu da Família Colonial. Fiquei impressionado com a forte personalidade do Dr. Blumenau e dos demais precursores desta terra que me fascinou. Márcio Mota - Rio de Janeiro.

— Feliz do povo que não esquece suas raízes, pois, a partir delas e relacionando-as à sua existência de cada dia, o Homem desconhece a si mesmo, tornando-se o legítimo senhor dos seus domínios. - Elisa Bernardini - Joinville.

**

— Achei emocionante a visita ao Museu pelo que suscita de recordações e lembranças conscientes e, talvez, inconscientes, pois sou descendente desta brava gente de desbravadores. Muito obrigada, Deus, por esta oportunidade de conhecer o Museu da Família Colonial. - Irene W. - Petrópolis - RJ.

**

— Representando a turma dos Guardas-Marinha da EFORM, da Marinha do Brasil, achei esta casa um mundo rico de informações históricas e culturais que traduzem o marco da colonização alemã no sul do Brasil. - Luiz Roberto Pozlwick.

**

— Quedamos impresionados por la exuberância de la vegetacion del parque. Encontramos muy arreglado el museo y con piezas muy valiosas. Fue un muy bonito poseo por nuestra cultura anterior. - Profesores de Secundária de Montevideo, Colégio "Corazón de Maria" - Uruguay.

**

— A vida é arte e cultura e este Museu da Família Colonial faz parte dela e nos recorda coisas que no mundo de hoje já não existem mais. - Maria Duci G. Garcia - Bahia. Salvador.

**

— Tudo o que é belo tem que ser conservado. Este Museu é uma prova real do que se foi, mas que permanecerá em todos os corações que por aqui passarem. - Izaura Simões e Oswaldo Cruz. - Rio.

**

— É maravilhoso conhecer coisas novas, mas é interessante e sublime ver algo de quem já se foi, que por aqui passou e muita coisa maravilhosa nos deixou! Neiva Maria - Salvador - Bahia.

**

— Estão de parabéns todos os que montaram e continuam cuidando deste pedacinho de história do Brasil! - Família Milan Markus. - São Paulo.

**

— Achei muito interessante o Museu e muito poético o pequeno jardim botânico. Sem dúvida, levo para minha terra tanto uma boa impressão de Blumenau, assim como uma informação ótima de sua origem, tradição e cultura. Meus parabéns para os organizadores deste Museu. - Rafael Zierke - Montevidéu - Uruguay.

**

— É um prazer ver conservada a memória da gente que construiu nosso país, servindo de base ao desenvolvimento encontrado hoje nesta região privilegiada do país. Os imigrantes muito nos deram, a eles nossa gratidão. - Maria Lúcia Mancebo Rodrigues - Rio de Janeiro.

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

UMA FESTA DE ATIRADORES NO ANO DE 1868

Nos dias 1º e 2 de junho desse ano realizou-se a festa dos atiradores da "Schuetzen-Gesellschaft" como de costume. Infelizmente o tempo não se mostrou muito clemente, pois volta e meia uma pancada de chuva interrompia as diversões ao ar livre, mas apesar disso a assistência era tão numerosa que mal todos cabiam nas dependências da casa dos atiradores.

Na vespera da festa os atiradores de Brusque foram festivamente recepcionados com música. A marcha ao local da festa realizou-se na manhã do dia 1º de junho. Logo após a chegada do préstito ao pátio e feita a saudação pelo presidente da sociedade, deu-se início a disputa do título de rei do tiro, seguindo-se depois a disputa do título de rei do tiro, seguindo-se depois a disputa aos valiosos premios instituidos, sendo esta disputa aberta também aos atiradores visitantes. O título de rei foi conquistado pelo senhor E. W. Friedenreich com o melhor tiro ao alvo real. Concomitantemente à disputa aos prêmios realizou-se então a disputa ao título do "rei do pássaro", que teve que ser prorrogada para o dia seguinte, já que o tronco de madeira resistia galhardamente à ação das balas. Como rei do pássaro foi proclamado o senhor Kuelps, que conseguiu deirubar o último pedaço de madeira que formava o peito do pássaro.

A noite realizou-se o tradicional baile que esteve muito concorrido. Como porém para o público não dançante não havia espaço adequado para tomar uma cerveja ou aos mais idosos inveterados jogadores do "Skat" um recinto sossegado, foi tomada a resolução na assembléia geral seguinte, de ampliar a casa dos atiradores, com um anexo de construção, já que o número de sócios era crescente, pois nessa assembléia foram admitidos mais 14 sócios. A próxima festa de atiradores deverá se realizar condignamente, já que em 1869 a sociedade completaria 10 anos de existência devendo ser convidadas todas as sociedades de atiradores da colônia e vizinhas, o que é de se aplaudir, pois assim será fortalecido entre os imigrantes e seus descendentes o sentimento de solidariedade e transformado qualquer dissonância em harmonia.

(Exerto de um relato escrito deixado por um contemporâneo).

Traduzido por Frederico Kilian.

SINDICATO AGRICOLA DE BLUMENAU E CAIXA AGRÍCOLA

No domingo, dia 1º de Maio de 1910, realizou-se no salão Oscar Gross, nesta cidade, a anual Assembléia Geral do Sindicato Agrícola e Caixa de Depósitos a este anexa.

— DIA 8 — Estatística elaborada na Biblioteca Pública “Dr. Fritz Mueller”, indica que, durante o mês de maio, foi feito um total de 897 empréstimos de obras, tendo havido, por parte dos usuários, nada menos do que 3.137 consultas.

**

— DIA 13 — O Sr. Hans Prayon, Cônsul Honorário da R.F.A. em Blumenau, fez entrega, ao prefeito Renato Vianna, de um presente enviado pelo presidente Carstens, representado por uma mini-câmera fotográfica, como lembrança de sua visita a Blumenau ocorrida nos dias 5 e 6 de abril último.

**

— DIA 14 — Em solenidade realizada na Câmara Municipal de Vereadores, o Prefeito Renato Vianna deixou o cargo que ocupava para concorrer às eleições de novembro, enquanto era dada posse ao vice-prefeito Ramiro Ruediger no cargo de prefeito, o qual vai exercer o mandato até fevereiro de 1983.

**

— DIA 13 — Com a presença de numeroso público, o prefeito Renato Vianna inaugurou a Praça “Arno Bernardes”, localizada no bairro de Vila Nova, na esquina das ruas Almirante Barroso e Benjamin Constant.

**

— DIA 16 — Na cidade de Itajaí, promovido pela Liga Cultural do Vale do Itajaí, realizou-se o 30º Encontro de Corais, com a participação de representantes do coral da Universidade Federal de Santa Catarina, corais de Blumenau, Presidente Getúlio, Timbó, Ibirama, Uru, Camboriú, Itajaí e outros.

**

— DIA 15 — Com a presença de autoridades do município, realizou-se, neste dia, a solenidade de inauguração da Escola Isolada “Nemésia Margarida”, localizada na BR-470, próximo a divisa do município de Indaial. Os primeiros alunos já começaram a frequentar a escola dia 17. O estabelecimento de ensino municipal, o 34º da rede, conta com duas salas-de-aula. O custo total da obra, até sua completa conclusão está orçado em cerca de três milhões de cruzeiros.

**

— DIA 18 — Neste dia, às 17 horas, o prefeito Ramiro Ruediger deu posse aos novos membros da Comissão Municipal de Desenvolvimento Econômico, recém-nomeados.

**

— DIA 27 — Na presença de numerosos outros funcionários municipais, o prefeito Ramiro Ruediger fez entrega, ao sr. Ary José Garcia, chefe do Departamento de Programação e Controle, de uma placa de prata como homenagem pela passagem de 25 anos de serviços prestados por aquele servidor, à municipalidade blumenauense.

Redenção

Afonso Rabe

O relógio da igreja mal acabara de bater duas horas da madrugada, quando o relativo silêncio da noite foi abruptamente perturbado por um grande estrondo metálico. No mesmo instante a iluminação pública apagou e, naquelas adjacências, a escuridão se tornou total.

Um automóvel, em alta velocidade, havia colidido violentamente com um poste e rompido os cabos transmissores de energia elétrica.

O plantão da CELESC, a Polícia e o Pronto-Socorro médico, não tardaram a chegar e tomar as providências necessárias.

O motorista do carro sinistrado, em estado de inconsciência, sofrera diversas fraturas complicadas em ambas as pernas e múltiplos ferimentos contusos, o que motivou seu internamento no hospital mais próximo e, o seu acompanhante, já sem vida, foi levado ao Instituto Médico-Legal.

No carro, — roubado —, dos acidentados, as autoridades encontraram dinheiro e jóias, — produtos do assalto efetuado momentos antes —, além de armas e drogas de diversos tipos.

O hospitalizado, com presumivelmente 20 anos de idade, só despertou de seu estado comatoso muitas horas depois e já no fim do segundo dia teve de ser transferido para um quarto individual apropriado e ficar sob cuidados especiais. Uma intensa agitação se apossava dele; um estado de acentuada ansiedade o dominara; confusões mentais se evidenciaram; violentas náuseas, vômitos e diarréia irromperam e, nos intervalos lúcidos, o paciente se queixava de dores atrozes por todo o corpo, além de fortes e repetidas câimbras.

Cientificados do achado das drogas em poder dos acidentados, os médicos não tiveram mais dúvidas quanto ao dramático e triste quadro clínico. Tratava-se do assim chamado “síndrome de abstinência” que costuma sobrevir quando o viciado fica privado das drogas, das quais já se tornara escravo, não somente psíquicamente mas também, organicamente.

No dia a dia dos viciados, na eventual falta dos tóxicos habituais, esses mesmos sintomas surgem com intensidade variável. A conseqüente ânsia e o desespero incontido a fim de conseguir mais drogas para se libertarem de imediato dessas, para eles, “torturas insuportáveis”, muitas vezes, os arrastam para a trilha do crime, sobretudo, quando não dispõem mais de dinheiro para adquiri-las, descambando para os arrombamentos e assaltos à mão armada, como foi o caso dos conparas deste episódio de trágico fim.

Os martirizantes padecimentos do sobrevivente, — José Luiz era o seu nome —, como sói acontecer em tais casos, só paulatinamente

foram cedendo com as medidas acauteladoras tomadas no processo forçado de desintoxicação a que fora submetido e, por fim, deram lugar ao costumeiro estado de profunda exaustão corporal, acompanhada de uma acentuada depressão mental.

Um dos médicos da equipe, já mais idoso, apiedara-se do infeliz jovem e, diariamente, lhe fazia uma visita para dirigir-lhe algumas palavras amigas, no intuito de amenizar-lhe a lenta convalescença.

Tendo-lhe captado a confiança e em vista da reabilitação geral do paciente, o médico foi estendendo os diálogos na esperança de arrancá-lo das garras implacáveis da toxicomania e, quiçá, de recuperá-lo para uma vida útil e sadia.

Numa certa ocasião, em tom de gracejo, o dr. Souza lhe perguntou: como é que você pôde fazer uma tamanha “barbearagem”, aquela hora da madrugada e a rua quase deserta?

José Luiz respondeu: pois é, doutor, realmente eu não sei explicar nem entender; modéstia à parte, sempre fui um craque no volante, mas naquele momento eu tive a nítida impressão de que uma força oculta, sobre-humana, de repente me virou a direção do carro e... nós “montamos” naquele poste. No mesmo instante eu “apaguei”, para só acordar aqui, — não sei quanto tempo depois —, e me ver deste jeito, todo remendado e engessado. Azar pacas, não é?

— José Luiz, isto é uma questão de interpretação. Eu diria antes que tu tiveste uma “bruta” sorte. Não teria sido aquele poste uma encruzilhada de teu destino? Não se teria consumido alí a vontade de Deus, para com você?

— Qual, doutor, . . . “sem esta”! Eu não acredito mais nessas coisas. Ademais, “pau que nasce torto . . .” —, o sr. sabe como é.

— Sei, mas isto é lá com os vegetais. Na gente sempre se pode endireitar alguma coisa. Haja vista o que fizemos com você. E não somente o corpo, mas até mesmo a mente antortada nós conseguimos endireitar, algumas vezes.

José Luiz teve que rir e o médico prosseguiu: é notório que você está amargurado e descontente com tua vida, além de descrente de tudo e de todos. Deves ter lá as tuas razões e sejam elas quais forem, eu respeito os teus sentimentos. Contudo, refletindo bem, creio que você concordará que tua desventura não é somente culpa dos outros; de alguma ocasião ou fato infeliz; de eventuais condições familiares, psicológicas, sociais, educacionais, econômicas ou outras que para esses desvios podem contribuir. Com tais dificuldades todos nós, — uns mais, outros menos —, nos confrontamos no decurso da vida, mas com força de vontade e sadia determinação, sempre se pode encontrar meios e modos para removê-las ou contorná-las.

— É, doutor, mas infelizmente, às vezes a gente falha e acaba indo “pro beleléu” mesmo! Apesar de minha pouca idade, por muitas e dolorosas experiências já passei. Porque será que isso acontece a uns e não a outros?

— Luzes e sombras de nossa vida pode-se encarar de muitos ângulos. Você está disposto a ouvir algumas idéias a respeito?

— Sem problemas, doutor... , pode falar. Desculpe a grosseria, mas eu não lhe garanto que vou “topar” tudo o que o sr. vai me dizer, porém, a conversa do sr. me é agradável e, pelo menos, me faz esquecer por um tempinho a miséria de minha existência.

— Muito bem, isto já me satisfaz. Vejamos então: em todo o chamado “Reino Animal” deste nosso planeta, somente a privilegiada espécie humana foi dotada pelo Criador com inteligência e habilidades anatômicas, especialmente, manuais, que no decurso de milênios lhe permitiram construir a civilização que aí está, com suas inúmeras e notáveis realizações. Todavia, nós não recebemos aquelas magníficas qualidades, assim como se diz, “de mão beijada”. Deus nos deu, paralelamente, o dilema da total liberdade de escolha entre o bom ou o mau emprego das mesmas, seja em relação aos nossos semelhantes e aos demais seres vivos, seja contra nós próprios, nossa saúde, nossos bens, etc.

Eu estou convicto de que todo o bem, como todo o mal, que de livre vontade alguém fizer, mais cedo ou mais tarde, em algum dia de sua vida, reverterá de algum modo, benéfico ou maléfico, conforme o caso, a favor ou contra quem o praticou.

Não prejudicar ninguém e nem a si próprio, seja de que maneira for, pode não ser fácil e até exigir sacrifícios, mas é a única estrada que conduz à felicidade verdadeira.

Prevenir é sempre melhor do que remediar. Portanto, antes de ceder a qualquer impulso nocivo ou lesivo, é sempre bom pensar duas vezes, — primeiro, na ação em si, segundo, nas suas conseqüências.

Nós só podemos colher o que, de fato, semeamos.

— Dr. Souza, se é que eu estou compreendendo alguma coisa de tudo isso que o sr. disse aí, eu devo estar pagando aqui, pelo menos, por algumas das minhas numerosas maldades praticadas contra outros ou contra mim mesmo, contra minha saúde, etc. Vá lá... mas diga-se porque, por exemplo, os viciados ricos continuam com tudo e, aparentemente, não são castigados, nem mesmo pelo consciente mal que fazem a si próprios?

— Meu caro, você incluiu bem aquele “aparentemente” e lembre-se que as aparências enganam. A ninguém de nós é dado ver ou saber o que se passa, de fato, dentro de cada um dos nossos semelhantes, sejam eles ricos ou pobres. Com um sorriso nos lábios, o nosso eventual interlocutor pode estar sofrendo horrores, passageiros ou permanentes, orgânicos ou psíquicos.

Se o rico não precisa roubar, assaltar ou matar porque não lhe faltam meios para alimentar sua eventual toxicomania, posso te assegurar que ele se prejudica e sofre da mesma forma e, seguramente, caminha para a sua total degradação corporal e moral, — tal qual o pobre. Fatalmente ele também definhará cada vez mais; tornar-se-á também sempre mais relapso e desleixado para consigo mesmo, para a sua família e para com a sociedade, provocando cada vez mais dissabo-

res e prejuízos de toda a sorte, a si próprio e aos seus e, acabará se precipitando, inexoravelmente, no mesmo lastimável e inglório fim.

— O sr. pode ter razão, doutor, e lhe digo agora que já muitas vezes eu perguntei a mim mesmo, porque não morri também, naquela noite. Também eu estaria livre de todas as amarguras, como o meu companheiro.

— Ora, certamente porque não era esse o teu destino. Sem dúvida, você enveredou por um atalho traiçoeiro que, — mais dia, menos dia —, fatalmente te levaria à ruína. Dele foste arrancado violentamente, por aquela trombada, para a qual não encontras explicação. Avaliando bem as tuas amargas experiências naquela senda comprovadamente frustrante, inútil e ultra-perigosa, eu te pergunto: porque não tentas, daqui em diante, um novo caminho, mais digno, mais seguro e mais gratificante?

— Dr. Souza, está tudo muito bem e cor de rosa, de sua parte, mas o sr. acha que eu ainda posso ter alguma opção?! Eu estou mais do que ciente de que, ao sair deste hospital, irei direto para a prisão e... fim de novela para mim. Só me restarão trevas para o resto de minha vida.

— José Luiz, o bem pode ser praticado em qualquer condição e lugar, até mesmo como presidiário. Além do mais, as penitenciárias não têm apenas portão de entrada. Poderás sair de lá, remido legalmente, mais cedo do que esperas. Também isto depende somente de ti. Quem procura com boa vontade, sempre acha um caminho. Aqui no hospital tens ainda bastante tempo para decidir, antes de ires para lá.

No decorrer dos dias, os repetidos e ponderados conceitos do dr. Souza, aparentemente foram atingindo o alvo colimado. José Luiz pensou muito e diferente sobre o seu passado, sua situação presente e suas perspectivas futuras. Ele estava amadurecendo nitidamente, mas ainda sem nenhuma definição clara.

Eis que, numa das visitas subseqüentes o dr. Souza trouxe alguém que iria tornar-se um elemento decisivo no rumo novo da vida de José Luiz.

Leandro, — seu nome —, era assistente-social do Centro de Recuperação de Toxicômanos. Ele próprio, um ex-viciado em drogas, era um perfeito conhecedor do problema, pois, fizera um curso especializado sobre o assunto ao submeter-se, voluntariamente, à sua desintoxicação e total recuperação.

Pelas muitas facetas que os dois jovens tinham em comum, não tardaram em se tornar amigos. Ambos haviam-se iniciado no vício, naquele crucial período em que os adolescentes são expostos aos mais diversos impactos e influências decisórias para a formação e a sedimentação do caráter e da personalidade.

Ambos se convenceram, de sobejo, de quanto é illusória e sempre efêmera a sensação de libertação de suas angústias juvenis, obtida pelas drogas; ambos sabiam de quão falsa e nociva é a euforia conseguida

e de como é sempre penoso o despertar inevitável dessas curtas e inúteis fugas da realidade.

Ambos puderam constatar que, uma vez arrastados pela turbilhonante corredeira do vício, é muito difícil, embora não impossível, conseguir salvar-se para não soçobrar irremediavelmente no avalancha fatal que se lhe segue.

Cada um a seu modo, ambos conseguiram escapar a tempo da derrocada e decidiram reunir esforços para livrar das presas dessa hidra voraz o maior número possível de outras vítimas, lamentavelmente, em sua grande maioria, composta de pessoas jovens.

Ao ter alta do hospital, José Luiz foi transferido para a prisão a fim de cumprir a pena a que fora condenado. Lá começou imediatamente seu trabalho de elucidação e de redenção, uma vez que, — como acontece em todas as Casas de Detenção nos tempos atuais —, não lhe faltou material humano específico para tal.

O seu exemplar comportamento, aliado ao seu dedicado, paciente e persistente zelo de assistência social aos seus companheiros presidiários, foi premiado com a liberação condicional antecipada.

Semanalmente, porém ele ia lá para palestrar com os seus colegas de infortúnio que ali permaneceram, na firme esperança de ainda salvar um ou outro, e quem sabe, conquistar mais um aliado da árdua luta contra essa insaciável e impiedosa destruidora de vidas.

José Luiz jamais esqueceu o dr. Souza, que considerava o seu segundo e verdadeiro pai. Visitava-o amiúde para demonstrar-lhe a sua profunda gratidão. E nunca saía de lá sem receber novas palavras de estímulo e de aplausos que constituíam para ele sempre um renovado bálsamo e tônico espiritual.

Blumenau, SC, em julho de 1981.

O “Kolonie-Zeitung”

Elly Herkenhoff

1848 — Período dos mais conturbados da conturbada história da Europa, do século dezenove. Clama-se — mais uma vez — por Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Corre sangue na luta fratricida pela Fraternidade, levantam-se trincheiras e barricadas em nome da Igualdade, mata-se e morre-se pela Liberdade nas ruas de Paris e de Viena, de Roma e de Berlim.

E, coincidindo com toda aquela agitação interna, agrava-se a situação externa, praticamente da Alemanha, com a marcha da Guerra Teuto-Dinamarquesa — a guerra deflagrada pela posse dos antigos ducados alemães de Schleswig e Holstein, limitrofes do reino da Dinamarca.

Embora desencadeados no lado de lá do Atlântico, todos aqueles

movimentos, sobretudo as convulsões verificadas em regiões da Alemanha, trouxeram conseqüências do maior alcance para a nossa história sócio-cultural, a partir da segunda metade do século passado. Inconformados com o estado de coisas no velho Mundo, desesperados, perseguidos após o fracasso da revolta, muitos daqueles "Achtundvierziger" (Os de quarenta e Oito), participantes ou simpatizantes dos movimentos de 1848, decidiram emigrar para a América, assim como emigraram, na mesma época, numerosos oficiais e soldados dos então já dissolvidos batalhões da guerra contra a Dinamarca.

Muitos vieram para o Brasil, estabelecendo-se nas cidades, como o Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Outros resolveram "tentar a sorte" nas pequenas colônias já existentes, entre as quais as então recém-fundadas em Santa Catarina: Blumenau e Joinville, principalmente. Vinham, atraídos pela propaganda desmedida que na Europa se fazia, sem terem consciência, muitas vezes, de que uma colônia recém-implantada na floresta tropical, poucas seriam as possibilidades de êxito para intelectuais, universitários ou oficiais do exército e sem atinarem — ainda — que para eles a adaptação à dura realidade aqui encontrada, se processaria de maneira infinitamente mais penosa do que para qualquer trabalhador braçal, de costumes rústicos e mãos já desde a adolescência calejadas.

Assim se explica o número relativamente elevado de imigrantes daquele período, os quais, após algumas tentativas aqui, na tão modesta Colônia Dona Francisca, se transferiram para centros maiores, como São Paulo e Curitiba, onde se integraram. Por outro lado, é à presença desses imigrantes, senhores de vasta cultura, que devemos — em parte — o impulso extraordinário verificado no terreno cultural, artístico e social da Colônia, assim como a um "Achtundvierziger" devemos a fundação, aqui em Dona Francisca, do primeiro jornal redigido e impresso em alemão, na então Província de Santa Catarina.

Foi editor do nosso "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), o jurista Ottokar Doerffel, nascido a 24 de março de 1818, em Waldenburg, Saxônia, e Burgomestre da cidade industrial de Glauchau em 1849, quando naquela região da Alemanha se verificaram movimentos subversivos, envolvendo o Burgomestre Doerffel que após a derrota dos revolucionários e conseqüente instauração de processo para apurar responsabilidades, foi enfim absolvido pelo tribunal. Desse modo, decidiu emigrar, a exemplo de muitos outros "de quarenta e oito", aqui aportando a 20 de novembro de 1854, em companhia da esposa.

O "Kolonie-Zeitung" não foi, porém, o primeiro jornal editado em Joinville. Já em novembro de 1852, 20 meses após a chegada das primeiras levas de imigrantes, veio a lume aqui — como segundo jornal redigido em alemão, em todo o País — um jornalzinho manuscrito em papel de carta, ostentando o título "Der Beobachter am Mathiasstrom" (O Observador às Margens do Rio Mathias), sob a responsabilidade do escrivão da Colônia, Karl Konstantin Knueppel.

(Continua no próximo número)

R.D.A. tem agência consular no Brasil

Esteve em Blumenau, dia 15 deste mês, o sr. Lutz Elbrodt, agente consular da República Democrática Alemã junto ao Escritório Comercial daquele país, sediado em São Paulo.

A visita do sr. Elbrodt teve por objetivo manter diversos contatos com pessoas e entidades blumenauenses, visando o maior estreitamento de relações culturais e comerciais de nossa cidade com seu país.

Por ocasião de sua estada em Blumenau, o sr. Lutz Elbrodt visitou a Fundação Educacional da Região de Blumenau, onde manteve diálogo com o Reitor e professores daquela instituição, visitou o prefeito Ramiro Ruediger e também manteve contato com o diretor da Fundação "Casa Dr Blumenau", tomando conhecimento das atividades da instituição e conhecendo em detalhes seus diversos setores, como Arquivo Histórico, Museu e Biblioteca.

O ilustre visitante esteve sempre acompanhado e assessorado pelo sr. Alfredo Wilhelm, correspondente alemão junto ao gabinete do Executivo municipal.

Em face da exigüidade do tempo de que o visitante dispunha para outros contatos em Blumenau, ficou estabelecido que, em breve aqui retornará para manter novos e mais demorados contatos, tendo como um dos principais objetivos alertar a população blumenauense para o fato de que, todos os que desejarem visitar a R.D.A., poderão, agora, terem seus passaportes visados aqui mesmo no Brasil, ou seja, em São Paulo, sede da agência consular que atenderá aos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Um detalhe muito interessante da personalidade do sr. Lutz Elbrodt é o de que, apesar de achar-se poucos meses no Brasil, já domina com relativa facilidade e perfeição, a língua portuguesa, o que facilita, sem dúvida, seus contatos com os centros culturais das cidades localizadas no seu setor de atividades.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf* - advogado; vice-presidente — *Rolf Ehlke* - Industrial.

Membros: *Elimar Baumgarten*, advogado; *Honorato Tomelim*, jornalista; *Ingo Fischer*, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; *Altair Carlos Pimpão*, jornalista; professor *Antônio Boing Neto*; *Arno Letzow*, comerciante; *Beno Frederico Weiers*, advogado; *Heinz Hartmann*, repres. comercial; *Prof. Olvío Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering 
BLUMENAU - SANTA CATARINA